

Cabo Delgado perto de se transformar em palco de um conflito internacional

Organização regional está a estudar a forma de intervir no terreno. Sul-africanos já puseram uma força de intervenção rápida em exercícios. Estados Unidos e França querem ajudar no patrulhamento da costa

Moçambique António Rodrigues

A guerra civil de baixa intensidade na província de Cabo Delgado está a caminho de se transformar num conflito internacional, com o Exército sul-africano a preparar-se para a possibilidade de enviar soldados para o terreno, assim que Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) decidir os contornos da sua intervenção ou que o Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, enviar um pedido de ajuda militar ao seu homólogo, Cyril Ramaphosa.

Na base militar de Wallmansthal, perto de Pretória, os militares da Brigada 43 do Exército, que formam a unidade de intervenção rápida das Forças de Defesa Nacional da África do Sul (SANDF), estão desde o início de Julho a realizar um programa de treino intensivo que tem como objectivo o destacamento para Moçambique.

A ordem foi dada pelo chefe do Estado-maior general das SANDF, general Solly Shoke, com o apoio político do ministro da Defesa, Nosiwiwe Mapisa-Nqakula, numa altura em que a SADC, organização a que Moçambique e a África do Sul pertencem, está a estudar activamente cenários de combate à insurgência jihadista com a presença de militares no terreno.

A notícia de que Pretória está a pensar envolver-se directamente no conflito do Norte de Moçambique, avançada pelo *site* Africa Intelligence, é a mais recente de várias referências a países que já estão envolvidos ou a envolver-se na guerra de Cabo Delgado.

De acordo com fontes citadas pelo jornal sul-africano *Mail & Guardian*, houve avanços nas reuniões de comissões da SADC realizadas no final de Junho, com alguns países a assumir o compromisso de participar com tropas no esforço militar para combater a insurgência moçambicana, embora a estratégia da possível intervenção esteja ainda por definir.

O Governo de Filipe Nyusi já tinha solicitado no ano passado a ajuda da



RICARDO FRANCO/LUSA

O conflito em Cabo Delgado, que dura desde 2017, provocou uma onda de deslocados

“**O Governo dos Estados Unidos está preocupado com o extremismo em Cabo Delgado. Identificamos uma ameaça à segurança que tem um nexos com a criminalidade, com o terrorismo**”

Heather Merritt

Vice-secretária de Estado adjunta de Assuntos Internacionais de Polícia e Estupefacientes dos EUA

SADC para travar os jihadistas de Cabo Delgado. No entanto, o processo tem enfrentado obstáculos colocados por alguns países que não estão nada interessados em participar numa operação militar e pelo facto de ninguém saber ainda como vai ser financiada a intervenção. Além disso, a insistência de Maputo em manter o controlo das forças envolvidas não agrada aos países que estão dispostos a intervir, como a África do Sul.

EUA, França e a droga

O Governo de Cyril Ramaphosa tem razões para estar mais preocupado do que todos os outros países da região com a guerra em Cabo Delgado e agora mais do que nunca, tendo em conta que o conflito, somado às medidas de combate à pandemia que levaram ao fecho de fronteiras e à suspensão das ligações aéreas, aumentou o tráfico de droga em Moçambique.

A droga produzida no Afeganistão e no Paquistão está a ser levada de barco até à costa de Cabo Delgado, transportada depois de barco até ao porto de Nampula e daí enviada em camiões até à África do Sul, de onde é despachada em contentores para os mercados de consumo, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa.

Segundo refere Joseph Hanlon, no seu *Mozambique News Reports & Clippings*, tanto os Estados Unidos como a França estão interessados em ajudar o Governo de Maputo a patrulhar a sua costa.

“Estamos realmente preocupados com Moçambique”, afirmou Heather Merritt, vice-secretária de Estado adjunta de Assuntos Internacionais de Polícia e Estupefacientes dos EUA, num *briefing* conjunto realizado a 21 de Julho e citado por Joseph Hanlon.

“O Governo dos EUA está preocupado com o extremismo em Cabo Delgado. Identificamos uma ameaça

à segurança que tem um nexos com a criminalidade, com o terrorismo” e que deriva da falta de “capacidade de governança”, de “aplicação da lei” e de “capacidade militar” moçambicana para contrapor uma efectiva resposta a essa ameaça.

Para a vice-secretária de Estado adjunta, “o tráfico de droga pode estar a financiar indirectamente algumas das redes e actividades terroristas, tendo em conta que os traficantes pagam por salvo-condutos em espaços com pouca presença do Governo e através de rotas que já foram usadas por entidades terroristas”.

Daí que Washington, afirmou Heather Merritt, esteja “a ajudar alguns dos esforços de combate ao narcotráfico” do Governo de Moçambique. “Estamos a ajudá-los a acabar com algum do crime organizado transnacional no mar através de um patrulhamento mais efectivo”, disse a governante norte-americana, demonstrando que os EUA já estão envolvidos no controlo marítimo da costa moçambicana.

Quem também já está a definir os contornos de uma cooperação marítima com Moçambique é a França, que tem vindo a dar formação para acções de patrulhamento da Marinha moçambicana, de acordo com a Lusa. Os franceses têm uma base importante das Forças Armadas da Zona Sul do Oceano Índico, em Mayotte, ilha francesa situada a 500 km a oeste de Pemba, a capital de Cabo Delgado.

Cabo Delgado tornou-se prioridade francesa desde que a petrolífera Total adquiriu a área 1 de exploração de gás natural da península de Afungi, em Palma. A empresa francesa contratou um antigo oficial da Legião Francesa, Frédéric Marbot, para garantir a segurança das suas instalações. Marbot é um especialista na matéria, com passagens por instalações petrolíferas na Nigéria e Cazaquistão, tendo formado uma equipa parcialmente composta por soldados moçambicanos destacados pelo Exército para auxiliar na segurança do campo de Afungi.

antonio.rodrigues@publico.pt